

FEDERICO
MOCCIA

A romantic couple is shown in profile, kissing. The man is on the left, wearing a plaid shirt, and the woman is on the right, wearing a white knit sweater. They are set against a warm, golden sunset background. The woman's hand is gently cupping the man's face.

**UM INSTANTE DE
FELICIDADE**

DO AUTOR BEST-SELLER DE *SOU LOUCO POR VOCÊ* E *DESCULPA SE TE CHAMO DE AMOR*

 Planeta

**UM INSTANTE DE
FELICIDADE**

FEDERICO
MOCCIA

**UM INSTANTE DE
FELICIDADE**

Tradução
Regina Cony

 Planeta

Copyright © Federico Moccia, 2013

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017

Publicado em acordo com Pontas Literary & Film Agency

Todos os direitos reservados.

Título original: *Quell'attimo di felicità*

Preparação: Elisa Nogueira

Revisão: Andréa Bruno e Clara Diamant

Diagramação: Vivian Oliveira

Capa: André Stefanini

Imagens de capa: Solominvictor/Shutterstock

Adaptação para eBook: Hondana

Para as letras das canções citadas:

Ti scatterò una foto: letra e música de T. Ferro. © Copyright 2006 de Nisa S.r.l./EMI Music Publishing Italia S.r.l. (Milão) © Copyright 2007 de Nisa S.r.l./EMI Music Publishing Italia S.r.l. (Milão)/PANDAR ITALIA S.r.l. (Latina).

Questa nostra stagione: letra de L. P. Chiaravalli, S. Grandi, E. Ramazzotti; música de L. P. Chiaravalli, S. Grandi, E. Ramazzotti. Propriedade exclusiva para todos os países: Edições Curci S.r.l. (Galleria del Corso, 4 – 20122, Milão)/Music Union S.r.l. (Galleria del Corso, 4 – 20122, Milão)/Viamedia Edições Musicais S.r.l. (Via G. Meda, 45 – 20141, Milão). © Copyright 2012 de Edições Curci S.r.l./Music Union S.r.l./Viamedia Edições Musicais S.r.l. (Milão). Todos os direitos reservados.

She: letra original de H. Kretzmer; música de C. Aznavour. © Copyright 1974 de Standard Music Ltd. (editor original, Londres)/Edições Musicais Aromando S.r.l. (subeditor para a Itália, Galleria del Corso, 4, Milão). Por gentil concessão de: Edições Musicais Aromando S.r.l.

Marmellata#25: letra e música de C. Cremonini. © Copyright 2005 Tutti e Nessuno S.r.l. (Roma)/Warner Chappell Music Italiana S.r.l. (Milão)/Double-Face Edições Musicais (Castel Maggiore/Bo). © Copyright 2009 Mascheroni Edições Musicais S.r.l. (Galleria del Corso, 4, Milão)/Warner Chappell Music Italiana S.r.l. (Piazza Della Repubblica 14/16, Milão)/Double-Face Edições Musicais (Via A. Gramsci, 302/F, Castel Maggiore, Bo). Propriedade para todos os países. Por gentil concessão de: Mascheroni Edições Musicais S.r.l./Warner Chappell Music Italiana S.r.l./Double-Face Edições Musicais.

O editor procurou por todos os meios os titulares dos direitos das outras letras das canções citadas sem, no entanto, conseguir localizá-los; obviamente, coloca-se à disposição para a resolução de tudo o que se fizer necessário nesse particular.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

M686i

Moccia, Federico

Um instante de felicidade / Federico Moccia ; tradução Regina Cony. - 1.ed. - São Paulo : Planeta, 2017.

Tradução de: *Quell'attimo di felicità*

ISBN 978-85-422-0888-7

1. Ficção italiana. I. Cony, Regina. II. Título.

16-37885

CDD: 853

CDU: 821.131.1-3

2017

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21^o andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Para Maria Luna, minha pequena princesa

Um dia perguntei à zebra:
“Você é branca com listras pretas ou é preta com listras
brancas?”.

A zebra fitando-me perguntou:
“Você é um homem agitado com alguns instantes tranquilos
ou é um homem tranquilo com alguns instantes agitados?
Você é um tipo desorganizado com alguns modos ordenados
ou é um tipo ordenado com algumas coisas desorganizadas?
É um homem feliz com alguns instantes de tristeza
ou é triste com alguns momentos de felicidade?”.
Nunca mais perguntarei à zebra sobre suas listras.

Shel Silverstein

Um dia. Um dia tudo isto será passado.

Não, não era assim; sim, agora me lembro: “Um dia tudo isto não passará de uma nuvenzinha”.

Ou, pelo menos, era alguma coisa desse tipo. Foi meu pai que me disse, sorrindo, naquele leito de hospital, piscando para mim, dando-me força, convencendo-me de que não haveria nenhum problema, de que tudo se resolveria. Mas não foi bem assim. No dia seguinte, ele não estava mais no hospital. Não estava mais no mundo. Agora não está mais em nenhum lugar onde eu possa procurá-lo. Isso mesmo, é como se eu saísse de casa e andasse por toda a cidade de Roma, indo além, até Milão, Turim, depois à França e ainda mais longe, à Tailândia, à Malásia ou sabe-se lá onde, mas antes sabia que de um modo ou de outro eu teria podido encontrá-lo. Agora não. Não existe mais. Não existe mais sobre esta terra. Só espero que ao menos Deus exista; do contrário, esta vida é realmente um grande engodo. Uma tirada genial de meu pai? Esta: “A vida é uma doença mortal”. Outra que me fez rir muito? “O Alzheimer tem um lado positivo: a cada dia você tem a impressão de fazer uma porção de amigos novos.”

Cada dia. Isso, meu pai me fez sentir a importância de cada dia. Cada dia é diferente, cada dia tem valor, é único, mesmo que nós, às vezes, não levemos em consideração tudo isso.

Às vezes, vivemos tão distraídos, sei lá, parece que aquele dia não é importante para nós. E, ao contrário, a cada dia pode ser que tudo mude, que seja aquele o novo dia. Hoje, por exemplo, sinto que é um dia importante.

“Preciso falar com você.”

Quando liguei o celular hoje de manhã, encontrei só isso escrito. Não “Bom dia, amor”, não “Bom diaaaa”, como de vez em quando me escreve com seu entusiasmo. Alê é Alessia, minha namorada. Estamos juntos há um ano e hoje é seu aniversário. Ela faz vinte anos. Ali está ela. Vi seu carro, um Mini Cooper azul-escuro último modelo, daqueles grandes, com os pneus grossos, o velho *vintage* que, agora, está na moda, aquele que custa “só” quarenta mil euros, mas isso não é problema para ela.

Estacionou no parquinho da praça Giuochi Delfici, em frente ao monumento. Algumas mães estão por ali, passeando com seus filhos. Uma babá manda SMS pelo celular, enquanto a criança que ela deveria olhar cai no chão. Não vai socorrê-la. Não se preocupa minimamente, não é seu filho. Levanta os olhos, vê a criança, mas a deixa ali, não aconteceu nada, vai se levantar de qualquer maneira, e continua a escrever como se nada tivesse acontecido.

Alessia, sentada num banco, folheia rapidamente o jornal, de modo quase frenético, e nunca sei se consegue ler, compreender realmente algo desse jeito, mas ela é toda um pouco assim. Os cabelos castanho-escuros caem no seu rosto. Está sentada no espaldar do banco e suas pernas compridas se apoiam onde seria natural sentar-se. Mas nada me parece natural em Alessia. Ainda gosto muito dela, muitíssimo, como no primeiro dia, mais. Como a cada dia.

— Alê! — eu chamo.

Ela olha em torno, depois me vê de longe, então levanta o queixo como a dizer “já te vi”. Fecha o jornal, dobra-o e coloca-o sobre o banco. Mas não sorri.

— Oi. Parabéns, amor!

Damos um beijo rápido. Muito rápido para mim, e ela se afasta imediatamente. Está fria, um tanto distante.

— Tome... — Procuero não pensar. — Este é o seu presente. — Entrego-lhe a sacola, e Alê parece surpresa. E hoje é o aniversário dela, ou seja, é normal que eu lhe traga um presente. Alessia retira o pacote da sacola, desembrolha-o lentamente, em silêncio, sem olhar para mim. Talvez esteja zangada porque não lhe mandei um SMS ontem à meia-noite, mas só hoje de manhã. Ela é o tipo de garota que gosta de receber atenção continuamente. Talvez seja só minha impressão, não sei. Agora, ela acelera. Tira todo o papel. Isso! Abre o presente, sorri, mas só por um instante.

— Gostou?

Coloca o casaco Moncler impermeável que escolhi para ela sobre os ombros, mas não diz nada.

— É o último modelo, aquele técnico, leve. Experimente, vamos ver como fica em você.

Ela o veste. Está perfeito.

— Vejamos agora como fica com as mãos nos bolsos.

Como eu imaginava, ela enfia primeiro a mão direita e encontra imediatamente aquele pequenino pacote. Fica surpresa. Retira-o do bolso, o faz girar entre as mãos, olha para ele como se jamais tivesse visto um, mas não sorri, não levanta a cabeça, não me olha. E eu permaneço em silêncio. Então, começa a desembrolhá-lo devagar. Depois, deixa cair o papel no chão e fica a olhá-lo assim, em suas mãos, sem dizer nada. É uma coisa boba, mas comprei o presente de propósito: um daqueles globos de neve de souvenir, com um bonequinho que segura um cartaz em que se lê “te amo”. Aquelas coisas tolas que na realidade fazemos quando não conseguimos fazer as coisas sérias. Nunca fui capaz de dizer isso a ela. Te amo. Uma vez, eu quase gritei. Estávamos no portão de sua casa e, subitamente, ela percebeu.

“O que foi? O que está acontecendo?”, perguntou, na ocasião.

“Nada.” Respondi assim: “Nada”. Não lhe disse, não tive coragem. Estamos juntos há um ano e não fui capaz de dizê-lo nem uma vez. Alessia segura o globo de neve e o roda delicadamente. A neve cai sobre o bonequinho com o cartaz nas mãos, e ela começa a chorar em silêncio. Grossas lágrimas escorrem lentamente, e ela permanece assim, com a cabeça baixa, e, mesmo que os cabelos as escondam, eu as vejo. Deslizam uma depois da outra sobre as maçãs de seu rosto, os lábios tremem, não dizem nada, as mãos ao longo do corpo. Sinto que vou morrer, experimento aquele enorme desprazer que sentimos quando provocamos um sofrimento que nunca gostaríamos de ter causado a alguém.

— Olha, é uma brincadeira, era para fazer você rir, não é o verdadeiro presente.

Sorrio, procuro em vão as palavras, mas não servem para nada.

Não perco o entusiasmo.

— Olha, veja o que tem no outro bolso!

Digo isso como uma solução para seu desconforto. Alessia enfia a outra mão no bolso esquerdo e retira um pacote. É pequeno e traz o nome do joalheiro em cima: Villani. Ainda assim ela não sorri. Desembrulha-o e abre o estojo.

— É da cor de seus olhos.

Ela observa aqueles brincos azuis, mas só por um segundo. Torna a fechar o estojo e enfim levanta o rosto. É a primeira vez que me olha desde que abriu os presentes. E eu a encaro, procurando desesperadamente um sorriso. Enxuga os lábios com o dorso da mão. Depois, coloca tudo dentro da sacola. Olha-me uma última vez. E finalmente esboça um meio sorriso.

— Sinto muito...

E vai embora. E então, naquele instante, eu me lembro perfeitamente da frase.

“Piangi, medita e vivi; un dì lontano, quando sarai del tuo futuro in vetta, questo fiero uragano, ti parrà nuvoletta.”^[1]

Foi exatamente essa a última frase de meu pai. É de Arrigo Boito, que depois levei para minha modesta tese sobre a Scapigliatura,^[2] e por essa razão me lembro de quem a disse. Com essa frase ele me deixou. Hoje foi a vez de Alessia ir embora. Mas talvez seja apenas um momento, talvez ela mude de ideia, talvez esteja zangada porque não lhe mandei um SMS ontem à meia-noite. Ou talvez não esteja zangada, quem sabe está feliz e até pode ser que tenha outro. É tudo um talvez. Somente uma coisa é certa, ou melhor, duas: estou me sentindo mal e ela não me deixou nenhuma frase, apenas me disse “Sinto muito...”. E se foi.

— Bom dia.

Ilaria De Luca sorri para mim, uma bela mulher de mais ou menos cinquenta anos. Veste-se de maneira clássica, mas não se comporta nem caminha como velha.

— O que posso lhe oferecer?

Pega o *La Repubblica*, e em seguida o *Dove*, e os coloca em minha frente. Permanece em silêncio, com um sorriso um pouco embaraçado, como se tivesse alguma coisa para me dizer, mas não soubesse como fazê-lo. Finjo não perceber, pego seus dez euros, faço as contas rapidamente e lhe dou o troco.

— Aqui está, bom dia...

Fica ainda por um instante na banca, como se de repente lhe tivesse vindo alguma coisa à mente, como se procurasse a vontade, a coragem para falar. Mas muda de ideia.

— Obrigada, para você também.

Pega os jornais, dobra-os e coloca-os na bolsa. Eu a vejo se afastar. Caminha lentamente, tem um belo traseiro, e fico a olhá-la perdido em meus pensamentos.

“Sinto muito...” Alessia me disse “sinto muito”. Sinto muito. Mas o que pode significar “sinto muito”? Sinto muito, mas não gostei de seu presente. Sinto muito, mas tenho um problema. Sinto muito, mas preciso ficar sozinha. Sinto muito, mas agora amo outro. Sinto muito, mas o que é isso? Você está brincando? Isso não é mesmo possível. E num instante toda a minha vida passa diante de mim. É assim, dizem, que acontece quando alguém morre. Mas nós

não estamos mortos, não é, Alessia? Não acabou, diz para mim que não acabou. Olho para o celular. Nenhuma mensagem.

— Bom dia, Nicco. *Il Tempo*, por favor. Obrigado.

Edoardo Salemi, proprietário do restaurante na Corso di Francia onde vou comer alguma coisa de vez em quando e que até me dá desconto. Entrego-lhe o jornal, e ele desaparece em um segundo. Sim, sou jornalista. Antes, aqui na banca, ficava meu pai, que às vezes escrevia também algum artigo para uns jornais menos importantes, aquelas revistas de bairro, que de qualquer maneira lhe pagavam alguma coisa. Algumas vezes, ele criava uma boa quadrinha, que depois vendia. Meu pai era muito bom também nisso. Agora revezamos eu, meu tio e meu primo. Eu trabalho de manhã, e eles à tarde e à noite, vez por outra mudamos os turnos. Mas não faço só isso. Nada, nenhuma mensagem. Um dia já se passou e é a primeira vez em um ano que não mandamos mensagem um ao outro. Nunca aconteceu de passarmos um dia e não escrevermos alguma coisa, mesmo a mais tola. O amor é feito de coisas tolas, daquelas coisas que não têm sentido, que talvez façam rir ou balançar a cabeça, mas que naqueles momentos se tornam belíssimas. O amor é como aquelas mensagens que não querem dizer nada, mas que dizem tudo, às quais não damos muita importância quando chegam todos os dias, mas que se tornam uma obsessão quando começam a minguar. Se todos fôssemos apaixonados, este mundo seria lindo. Que besteiras estou dizendo. É isto: o amor faz de você um idiota, mas um idiota belo, e a falta de amor torna você idiota e destrutivo.

Sinto falta de Alessia. Ela me falta de modo exponencial; me parece impossível, mas a cada momento que passa sinto mais sua falta. Olho novamente para o celular. Gostaria de telefonar para ela, mandar-lhe uma mensagem, esperá-la diante de seu portão com um farto buquê de rosas

vermelhas, tão grande que quase me esconderia atrás dele. Mas essas coisas eu nunca fiz. Será que não fiz o suficiente? Sempre pensei nessas coisas, mas, e tantíssimas vezes, eu disse para mim mesmo “um dia...”. Um dia eu farei tudo isso. Mas não fiz nada. Um dia, na realidade, equivale a nunca. Nunca. E agora talvez seja muito tarde. Nossa vida é feita de economias, achamos que existirá um momento melhor, que valerá a pena ser vivido, que as coisas mudarão. Esperamos sempre um amanhã que pode não chegar, como naquela noite em que me despedi de meu pai e fui para casa.

Fui comer alguma coisa como se nada estivesse acontecendo, e até me lembro do que comi: presunto cru e muçarela e depois uma salada de tomates. E fui dormir como se nada pudesse acontecer, como se ainda houvesse tempo para lhe dizer alguma coisa, para lhe contar de meu namoro com Alessia, que já durava havia algum tempo. Como se pudesse ainda me desculpar por todas as vezes que fui estúpido, rebelde, infantil, por todas aquelas vezes que não soube ouvi-lo com atenção. Quando eu lhe disse “Vá à merda, você só diz asneiras...”, era só porque gostava de contrariá-lo de qualquer maneira, dizer por dizer, porque me sentia o tal e bastava. Na realidade, nem chegava a pensar daquela maneira, pelo menos é o que pareço lembrar.

Entra Bruno, o frentista, que não me cumprimenta. Não diz nada, como de costume, pega o *Porta Portese*, coloca o dinheiro na bandejinha e sai. Guardo o dinheiro na caixa. Ele é assim mesmo, mas não me importo nem um pouco.

Quando não estamos bem, conseguimos dar o peso justo às coisas, e, para dizer a verdade, fico com vontade de rir. Mas é possível comprar todas as semanas um jornal de classificados? Que tanto ele procura? Aparece sempre com a mesma camisa, há anos, com o mesmo casaco cinza de frentista e os mesmos sapatos. De fato, se pararmos para pensar, nós somos um acúmulo de hábitos,

de atos repetitivos. Estar mal, em certo sentido, me faz ver melhor a realidade, focar no que está em volta, perceber as coisas ridículas desta vida. E tudo me parece dramaticamente ridículo. Menos ela. O que estará fazendo agora? Onde estará? São onze e meia. Está em casa, já acordou, com certeza, há muito tempo, pois ontem não fomos dormir tarde. E se ela foi dormir tarde? Porque pode ser que tenha ido para a cama tarde, não? Pode ser que tenha se encontrado com as amigas. Claro, certamente as amigas, Laura e Sílvia. Devem ter falado sobre mim. Elas devem ter perguntado. Não, só se elas saíram com os respectivos namorados. Devem ter perguntado: “E Nicco? Cadê?”. E ela, esperta como sempre, deve ter inventado uma desculpa. Nicco não pôde vir... Saiu com os amigos para jogar futebol.

Então paro e, de repente, tomo um susto: “Não, elas sabem”. As amigas sempre sabem tudo. Todas as vezes que vemos a amiga ou o amigo de alguém pensamos: “Ali está, ele sabe... Ele sabe tudo. Eu não sei o que ele sabe, mas ele sabe qual é a verdade. A verdadeira verdade. A última verdade, a versão mais sincera”. Gostaria de me encontrar com Laura e Sílvia e perguntar-lhes o que sabem, uma de cada vez, ou torturá-las tipo *Jogos Mortais I, II, III, IV, V e VI* e checar se suas versões são idênticas. Obrigá-las a falar. Mesmo que, às vezes, seja melhor não saber.

“Não procure a verdade: às vezes ela não serve para nada.”

Isto me foi dito por meu pai, um dia, enquanto íamos ao estádio. Fiquei calado. Não sei bem o que essa frase queria dizer, mas nunca a esqueci. A coisa mais bonita é que eu jamais soube algo sobre eles, meus pais, se alguma vez se separaram, se cometeram alguma traição e depois se perdoaram. Eu os vi apenas assim: amando-se. E depois ele a deixou para sempre, involuntariamente, e é como se não a tivesse deixado, e esta é a coisa mais

bonita. Finalmente, chega uma mensagem.

“Acabei de saber e sinto muito. Vou dar um pulo aí.” Droga, mais essa.

Ciccio entra na banca com toda a sua corpulência. Seus cabelos são compridos, pretos e espessos, e ele costuma usá-los num rabo de cavalo preso com um estranho elástico colorido, igual àqueles das mulheres, que, no entanto, às vezes são bonitos nelas.

— Fiquei sabendo. Não posso acreditar... mas, para mim, tinha alguma coisa que não era muito clara...

Continua a falar e não entendo o que ele diz. Talvez porque, na realidade, eu não queira ouvir. Sacode as mãos freneticamente como se quisesse confirmar que alguém de sua família é de Nápoles, que possuíam uma fábrica importante por lá e que agora não a possuem mais porque a tomaram ou porque o avô a perdeu tudo no jogo. Nunca se soube bem essa história. Talvez porque ele a tenha mudado algumas vezes.

Na realidade, Ciccio se chama Domenico Sensi. Está matriculado na faculdade de Economia e Comércio, mas só para constar.

“Agora vou levar a sério.”

É o seu slogan. Mas é tudo assim, a dieta, a academia de ginástica, cortar os cabelos, mudar o *look* e deixar uma das duas mulheres com quem está há mais de um ano. Sim, porque ele está com Beatrice e Deborah por todo esse tempo. Ele conheceu as duas no dia vinte e sete de abril e ficou indeciso a partir de então. No início, levou a história adiante por uma semana, beijando um dia uma, um dia a outra.

“Agora vou decidir. É que todas as duas são divertidas e simpáticas.”

Mas depois de quinze dias estava ainda mais indeciso.

“Fazem amor de maneira diferente, mas, na realidade, igual.”

E isso eu sinceramente não entendi, aliás, como muitas outras coisas que ele faz. Os amigos, não os compreendemos, os aceitamos. Principalmente se os conhecemos já no Ensino Médio, quando se forma um vínculo, independentemente de nos ajudarem ou não com os deveres de casa, de serem ou não os melhores alunos da sala. Forma-se uma espécie de sociedade, de agremiação alicerçada em três “s”: simpatia, solidariedade e sobrevivência. E não se separam mais. Pelo menos comigo e Ciccio foi assim.

— E aí, Nicco, como você está? Tá me ouvindo?

— Tô, o que você acha? Será que você não tem outra pergunta?

— Tá sentindo a falta dela, não é?

Passou-se um dia, e a resposta é sim, estou morrendo de saudade. Mas não digo nada, não é preciso. Fica por conta dele, que continua a me bombardear com perguntas.

— Essas mulheres são esquisitas, não é? São lunáticas. Parece que não se interessam por sexo, mas pela gentileza, pela atenção dispensada pelo príncipe encantado. Você fez tudo o que deveria fazer? Será que não se esqueceu de alguma coisa?

— Por exemplo?

— Sei lá... Um aniversário, o dia em que vocês se conheceram, o mês, a música que ouviram juntos pela primeira vez. Você a levava sempre ao mesmo lugar? Foi apanhado em flagrante fazendo o que não devia? Não, porque, quando você menos espera, elas te atacam. Não estou brincando, não. Não são mulheres. São monstros!

E ele continua assim, despejando uma avalanche de palavras sobre mim.

Alguém entra, pega um jornal, examina-o, curioso, e sai. Outro nem presta

atenção em nós.

Ciccio senta-se sobre uma pilha de revistas apoiada no chão. Continua a se mexer e a falar, quando percebe uma senhora indecisa diante de alguns livros.

— Leve este, é muito bom.

O livro aconselhado é *O projeto Rosie*, de Graeme Simsion. Na minha opinião, ele faz isso de propósito e com toda a certeza não o leu e não o leria nunca. E a senhora acredita mesmo, se deixa aconselhar, compra o livro e vai embora.

— Viu? Eu te ajudo a vender, sou bom para você — continua Ciccio.

O bom de uma banca é que você tem de tudo e muito mais para ler todos os dias e não gasta nada. Você tem mil notícias que nem poderia imaginar e jornais que nunca leria, como o *Internazionale*, por exemplo, que tem uma coisa muito legal e que leio somente por isso: o horóscopo de Rob Brezsny. Ele capta a nossa atenção ou, de qualquer modo, sempre diz coisas que têm a ver com você. Ah, por falar nisso, ainda não li o último horóscopo... Enquanto finjo ouvir o que Ciccio me diz, vou buscá-lo. Nada, não me diz nada que poderia me fazer suspeitar de algo que tenha acontecido com Alessia. Então, decido ler em voz alta para fazer Ciccio calar a boca.

— Escuta, escuta o que o horóscopo de Rob Brezsny diz... — Ciccio fica em silêncio e me ouve.

— “‘Para salvar o mundo, devemos salvar uma pessoa de cada vez’, dizia o escritor Charles Bukowski. ‘Todo o resto é puro romantismo ou política.’ Convido você a fazer desta reflexão um dos seus pensamentos-guia na próxima semana. Traduza os seus altos ideais em ações que tenham um impacto prático. Em vez de falar simplesmente das boas ações que gostaria de praticar, faça-as. E, sempre que possível, certifique-se de que cada detalhe de sua vida cotidiana reflita a sua visão da máxima verdade e beleza.”

Ciccio permanece em silêncio por um instante, como se estivesse pensando em tudo aquilo que acabei de ler, mas em seguida age como sempre e se pega em alguma coisa que não tem absolutamente nada a ver com o assunto.

— Você sabia que prenderam Kim Schmitz, aliás, Kim Dotcom^[3] ou Kimble? Vivia em uma espécie de bunker. Eu vi a matéria: os agentes do FBI chegaram à sua mansão de dezoito milhões de dólares, nos arredores de Auckland, em lanchas, como nos filmes, e o prenderam. E ainda dizem que o dinheiro compra tudo. Compra uma ova! Não pode curar certas doenças nem impedir que você acabe na cadeia, porra!

Poucos conceitos, mas claros. O ideal para quem acabou de levar um fora.

— Oi, Fabri.

Chega meu primo. Passo rapidamente as chaves da banca para ele e salto fora.

— Você poderia fazer o turno de amanhã à noite?

— Não sei...

Mal consigo lhe responder antes de pular para dentro do Opel Tigra conversível de Ciccio, que arranca cantando os pneus como sempre. Meu primo Fabrizio se debruça da banca.

— Não, você tem de vir amanhã à noite porque eu...

Não ouço mais nada e levanto uma das mãos, como aqueles surfistas cheios de cachinhos louros, tatuagens estranhas e coloridas, abdome definido, sorriso no rosto e pelo menos uma gata no carro. Eu só tenho Ciccio, e ele dirige mal. E aquele gesto, na realidade, era só para lhe dizer “Eu te ligo mais tarde”.

— Aonde vamos?

Ciccio colocou The Police no som do carro. Usa uma camisa preta com uma camiseta também preta por baixo, um pingente de prata pendurado no pescoço

e sapatos D&G que custam no mínimo quatrocentos euros. É um metido a besta, um daqueles caras supermalhados, musculosos, que estão na moda. É o top do *trash*. Dirige perigosamente seu carro conversível. Se existe um carro que não deu certo é exatamente este. Mas ele acredita que faz sucesso metido no modelo. Aumenta o volume do som com seus dedos grossos de unhas roídas e um pouco sujas de graxa como se tivesse consertado alguma coisa. Com certeza não foi sua moto ou sua Vespa, que ele não usa há muito tempo. O que ele, aliás, usa muito é todo tipo de programa para rodar no seu Mac. Baixa tudo o que é possível e imaginável, e Kim Dotcom ou Kim Tim Jim Vestor, como o chamam, era o seu ídolo.

— Não posso acreditar que ele foi preso.

Fica em silêncio. Em seguida, volta à carga como se tivesse tido uma ideia.

— Vamos comer na Caccolaro? Anda, eu pago.

— OK, tudo bem.

A Caccolaro^[4]... Nunca entendi por que o lugar ganhou um apelido como esse. E a coisa mais absurda é que é o endereço mais bombado de Roma, frequentado pelo povo mais *in*, descolado, da moda e elegante da cidade.

Alessia ia frequentemente com suas amigas.

“Hoje à noite somos só nós, as mulheres, todas na Caccolaro.”

E eu acreditei nela. Fico feliz que exista confiança entre nós, me agrada que alguém acredite em alguma coisa. Se ela me disse que ia à Caccolaro só com mulheres quer dizer que era verdade.

Ciccio dirige com desenvoltura no trânsito, tira um fino de um Fiat; o motorista segue em frente, mas põe a mão para fora num gesto obsceno. Ele buzina duas vezes e desaparece na esquina da Via della Farnesina.

Naquela noite, na realidade, passei pela Caccolaro. Eu sei, gostaria de ter

plena confiança em Alessia, mas, pelo menos daquela vez, não consegui. Ainda me lembro como se fosse ontem. Estacionei do outro lado da rua o Volkswagen Polo que minha irmã me emprestou. Apaguei os faróis um pouco antes, entrando na vaga. Em seguida, sem fazer muito barulho, abri a porta e saí do carro. Fiquei do outro lado da rua e caminhei ao longo da calçada, olhando através dos vidros da Caccolaro. Opa! Estava ali. Ria enquanto comia a pizza sentada à cabeceira da mesa. Não consegui ver quem estava perto dela. Inclinei-me levemente, caminhei para trás procurando aumentar meu campo visual. E, então, as vi: Francesca, Laura, Simona e outra, de costas, que não reconheci. Todas mulheres, somente mulheres, suas amigas, talvez aquela de costas fosse Sílvia. E me senti aliviado, suspirei e fiquei a olhá-la. Notei que ela escutava com curiosidade o que alguém dizia, depois concordou, riu e continuou a comer a pizza. À sua frente uma Coca-Cola diet, mas comeu outro grande pedaço de pizza, que estranho modo de fazer dieta. Alessia... Alessia é assim. Continuei ainda a olhá-la sem encontrar as palavras para defini-la. As palavras nunca bastam quando amamos. Depois, virou-se para a janela, olhou na minha direção, como se tivesse tido uma sensação. Pegou o celular, ligou-o e digitou um número. Ainda bem que percebi rapidamente seu movimento e mal tive tempo para entrar no carro e atender o telefone.

“Oi!”

“Oi...”

“O que aconteceu? Você está arfando...”

“Eu? Não... Que estranho... Você acha?”

“O que você está fazendo?”

“Bem, nada, vou jogar com Bato...”

“Não volte muito tarde.”

“Vocês estão se divertindo?”

“Estamos...” Depois, ela abaixa a voz. “Mas contam sempre as mesmas histórias. Eu me divirto mais com você. Pena que não está aqui...”

Ficamos um instante em silêncio, depois sua voz se torna mais quente.

“Você podia vir me buscar depois da pizza...” Ela ri. “Mas infelizmente você vai jogar pôquer...”

“Encontro facilmente quem possa me substituir. Imagine que eu já estou aí.”

Ela desliga.

— E então?

— Hein, o que foi?

Ciccio sorri.

— No que você estava pensando?

— Eu? Em mim com você.

— Sei... Diz que não estava pensando em nada que é melhor. Chegamos. —

Saímos do carro.

Nunca mais fui atrás de Alessia quando saía com as amigas. Talvez tenha errado aí?

Ciccio me segura pelo braço enquanto entramos.

— Estou com um problema...

Concordo. Se ele soubesse quantos eu tenho. Mas não digo nada e entramos na Caccolaro.

— Oi, Alfre, vamos sentar aqui.

O restaurante está meio vazio. Alfredo, que está no caixa, acena dizendo que sim, levantando os ombros, fazendo uma careta, enfim, um jeito todo seu como se dissesse “sente onde quiser, não vê que não tem ninguém?”.

Ciccio escolhe o canto mais escondido do restaurante.

— Vamos sentar aqui, é mais fresco.

Joga-se na cadeira.

— Ah...

Esparrama-se sobre a cadeira, afasta a que está ao lado, atira-lhe o casaco, apoia os dois celulares sobre a mesa vizinha, espalha-se naquele canto do restaurante. Mal tenho tempo para me sentar e aparece uma garota, deve ter dezoito anos, um piercing numa sobrancelha, cabelos compridos, raspados de um lado e com alguns reflexos azuis. Os lábios são carnudos, olhos verdes, franjinha escura. Parece um quadro de Lempicka se não fosse por aquele sorriso tímido.

— O que vão beber?

— Água.

— Para mim, uma cerveja.

Ciccio não tem freios. A garota se afasta balançando, provocante, o traseiro, e não posso deixar de notar.

— Bundinha bonita, hein? — Ciccio interrompe meus pensamentos.

Não dou corda para ele prosseguir. Levanto os ombros. Agora posso olhar para qualquer um, estou solteiro, de novo na pista, posso bancar o cretino o

quanto quiser, o cretino... Posso conversar com uma garota. Estou sozinho. Isso, a verdade é essa. Estou só. Ciccio começa a falar, mas não o escuto muito. Ligo o celular e, enquanto finjo escutar sua história, acesso o Facebook. Vou até a página de Alessia. Não. Não posso acreditar. Ela modificou o seu status para “relacionamento complicado... com as amigas”. Desligo o celular. Antes era relacionamento sério... comigo. Acho que vou morrer. Então, é verdade, é exatamente assim, algo mudou. Minha cabeça roda. Ciccio me olha, mas não percebe nada, ainda não parou de falar.

— Isto é, chegamos ao ponto final, não posso continuar assim, principalmente porque não quero. Já faz mais de um ano que estou com duas mulheres, eu sei, tem gente que leva essas histórias durante anos, até mesmo para sempre, mas a coisa absurda é que elas nunca me pegaram, nunca desconfiaram... E eu até cheguei a esquecer um dos meus celulares na casa de uma ou da outra... E todas as vezes elas mandaram as mensagens para o outro telefone... O que isso quer dizer? Tá me ouvindo?

Vira-se para mim e me dá um safanão que quase caio da cadeira.

— Entendeu o que eu disse?

— Entendi, entendi... — É sempre a mesma história. — Você quer terminar com ela...

— Mas com qual?

— Como posso saber se você não me diz? Quer que eu decida por você?

— Bem que eu gostaria... Às vezes, tenho vontade de decidir no cara ou coroa, isso, o que der deu... sem pensar. Ou arranjar outra, a primeira que encontrar, a primeira que passar por aqui eu pego... — Neste exato momento, chega a garota para anotar os pedidos. — Isso, por exemplo, ela... Pego e saio com ela, pronto, sem precisar ficar discutindo, pensando, escolhendo; porque se

eu tenho uma dúvida é por algum motivo, não?

— Já decidiram?

Escolho uma coisa qualquer no cardápio. Ciccio, ao contrário, se justifica com a garota.

— Desculpe, hein, eu disse você, mas era só um exemplo. Mas, às vezes, as coisas nascem exatamente assim, de uma brincadeira, são as coisas mais bonitas, aquelas que não são planejadas... certo?

Não posso acreditar. Ciccio diz essas besteiradas e ela ri.

— Qual é seu nome?

— Lúcia.

E continuam a conversar como se eu não existisse. Quer dizer, Ciccio sabe que acabei de ser deixado, que eu talvez precise desabafar, que sou eu que tenho um verdadeiro problema, e, na verdade, nada, fala com essa Lúcia, de dezoito anos, como se nada estivesse acontecendo, e ela o escuta, aliás se olham até com certa intensidade, talvez até já tenham trocado números de telefone. Ela passou o peso do corpo para a outra perna, colocou as mãos nos quadris e parece realmente estar se divertindo com as bobagens que Ciccio está disparando. Lúcia ri, levanta a mão como se dissesse que ele era exagerado e se afastou com nossos pedidos. Não há nada a fazer: existem pessoas que têm a maior facilidade em tudo o que fazem, como Ciccio e como outras que de vez em quando saem nos jornais que leio quando estou na banca.

Por exemplo, como algumas pessoas ricas. Alguns nascem assim, mas outros inventam besteiras absurdas e se tornam ricos sem ao menos terem qualquer expectativa. E frequentemente vemos alguns que são muito feios e têm mulheres inexplicavelmente lindas a seu lado... Quer dizer, existem coisas que não consigo explicar para mim mesmo. Como aqueles que ganham na loteria.

Mas ganham mesmo? Eles dão o dinheiro? E se tiverem jogado em grupo vão todos juntos para retirar o prêmio? Não têm medo de que alguém pegue tudo e fuja? Nos filmes é sempre assim, talvez porque se as coisas não acontecessem dessa forma o filme não faria sucesso... Em geral, o mal vence. Por exemplo, nos jornais saem aqueles que foram pegos, mas muitos permanecem no mesmo lugar, como se os prendessem somente ali, nos jornais. Talvez seja tudo mentira. Talvez eu esteja deprimido porque Alessia me deixou. Quer dizer, não me deixou, me disse somente “Sinto muito...”. E se foi. A dor de uma porcaria de adeus é sempre a mesma? Quer seja de uma criança, de um gari, de um malandro, de um simples salva-vidas? Não, estou delirando.

Ciccio continua a falar, ri, brinca, bebe a cerveja que Lúcia lhe trouxe e continua a fazer brincadeiras com ela. É, agora tenho certeza, Lúcia lhe deu o seu número. Não posso acreditar. Parece tudo tão fácil.

Para mim, conhecer Alessia foi quase impossível. Quando ela entrou na academia, eu estava na secretaria, renovando minha matrícula, e a vi. Sem querer, deixei cair tudo no chão. Minha mochila virou, e ela começou a rir. Foi um instante. Ela colocou os cabelos compridos para o lado, inclinou a cabeça e sorriu. Era como se dissesse: “Oi, pequeno desastrado... Fala sério, você quer se apaixonar por mim?”.

Eu deveria ter entendido imediatamente que aquele sorriso queria dizer isso, e não pensar o que eu pensei: “Você é engraçado; se insistir, estou a fim”.

E fiquei a olhá-la enquanto se afastava. Como são belos os detalhes das mulheres. Em um instante podemos ter mil. Os brincos compridos que se movem caprichosos entre os cabelos, desordenando-os, o esmalte das unhas, o vestido leve, fluido. E ainda por cima era fim de maio, quando fica difícil resistir. Quando elas se descobrem, mostram mais suas pernas, exalam aquele

cheiro de creme frutado ou floral. E suas curvas, então? Aqui nos perdemos com a beleza de sua cintura escondida pelos cintos mais diversos. Essa parte da anatomia é a primeira coisa que sentimos quando abraçamos uma garota que notamos, que nos toca... Além dos seios, do sorriso, dos olhos e, naturalmente, da bunda... Toda essa harmonia é impossível encontrar em um homem, por isso não entendo os gays, que têm muito menos beleza para apreciar.

Alessia parou na porta, voltou-se e sorriu para mim como se soubesse que eu ainda a observava, como se estivesse certa disso, talvez muito segura, mas naquele momento não pensei nisso. Depois, abriu a porta do vestiário e entrou. E eu fiquei ali, com os papéis nas mãos, a mochila ainda aberta, abismado.

“Então, fará novamente a inscrição ou não?”

Sorrio.

“Claro...”

Talvez Alessia tenha sido contratada como *promoter* da academia. Nesse caso, gostaria de fazer uma matrícula vitalícia.

Pouco depois, fiz meu treino e dei o melhor de mim. Ela estava na outra sala. Eu estava fazendo *step*, mas de vez em quando me inclinava para a frente e conseguia vê-la. Estava no aparelho que trabalha o trapézio, com apenas um peso de cinco quilos, levantava-o, seguindo perfeitamente as indicações sobre respiração e expirando de um jeito... Tive vontade de estar ali perto e fazer exercício no aparelho ao lado, calculando que eu conseguiria carregar pelo menos dez quilos! Mas eu seria um impostor e, principalmente, banal. Talvez ela esperasse por isso. Assim, não fiz nada. Terminei meu exercício e fui até a máquina de café para ver o que tinha. Estava com sede, mas, mais importante, sentia vontade dela. Olhei para a outra sala. Ela não estava mais, ou talvez estivesse no canto que não conseguia ver. Então, escuto o barulho de moeda

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um instante de felicidade"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).